



**HIPISMO E EQUIDADE DE GÊNERO:
UMA VISÃO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NA
MODALIDADE SALTO DO HIPISMO NO PARANÁ**

**EQUESTRIAN SPORT AND GENDER EQUITY:
A VIEW ON WOMEN'S PARTICIPATION IN SHOW JUMPING IN
PARANÁ**

**HIPISMO E EQUIDAD DE GÉNERO:
UNA MIRADA SOBRE LA PARTICIPACIÓN DE LAS MUJERES EN EL
SALTO DE OBSTÁCULOS EN PARANÁ**

Daniela Isabel Kuhn


<https://orcid.org/0000-0003-1325-1661> 


<http://lattes.cnpq.br/8052541271348815> 

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (Curitiba, PR – Brasil)

danielakuhn@utfpr.edu.br

Débora Maziviero Praisler

<https://orcid.org/0009-0008-8876-9960> 

<http://lattes.cnpq.br/5547345195127929> 

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (Curitiba, PR – Brasil)

deborapraisler@alunos.utfpr.edu.br

Resumo

O objetivo desta pesquisa situa-se em desenvolver uma análise crítica a respeito da participação de mulheres em diferentes categorias da modalidade salto do hipismo no estado Paraná com os conhecimentos dos estudos de gênero. A coleta de dados foi realizada através da análise dos Rankings Gerais da Federação Paranaense de Hipismo dos anos de 2018 a maio de 2023. Os dados evidenciam que a porcentagem de mulheres atuando na categoria 0,80 m é consideravelmente superior ao percentual de homens, enquanto que na categoria 1,40 m o percentual de mulheres é significativamente inferior ao de homens. Esses dados se repetem em todos os anos analisados, demonstrando que há uma tendência à evasão de mulheres na transição do amadorismo para o alto rendimento do esporte. Compreendemos que as questões normativas de gênero que influenciam a educação de mulheres e homens persistem gerando desigualdade marcadas por desvantagens nas condições de vivências das atletas em relação aos homens, sobretudo nas categorias profissionais.

Palavras-chave: Hipismo; Mulheres; Alto Rendimento; Gênero.

Abstract

The objective of this research is to develop a critical analysis regarding the participation of women in different categories of jumping in the state of Paraná with the knowledge of gender studies. Data collection was carried out through the analysis of the General Rankings of the Paraná Equestrian Federation from the years 2018 to May 2023. The data shows that the percentage of women performing in the 0.80 m category is considerably higher than the percentage of men, while that in the 1.40 m category the percentage of women is significantly lower than the percentage of men. These data are repeated in all the years analyzed, demonstrating that there is a tendency for women to evade the transition from amateurism to high-performance sport. We understand that the normative gender issues that influence the education of women and men persist, generating inequality marked by disadvantages in the living conditions of athletes in relation to men, especially in professional categories.

Keywords: Equestrian Sports; Women; Elite; Gender.



Resumen

El objetivo de esta investigación es desarrollar un análisis crítico sobre la participación de las mujeres en diferentes categorías de salto en el estado de Paraná con el conocimiento de los estudios de género. La recolección de datos se realizó a través del análisis del Ranking General de la Federación Ecuéstrea de Paraná de los años 2018 a mayo de 2023. Los datos muestran que el porcentaje de mujeres que se desempeñan en la categoría de 0,80 m es considerablemente superior al porcentaje de hombres, mientras que en la categoría de 1,40 m el porcentaje de mujeres es significativamente menor que el de hombres. Estos datos se repiten en todos los años analizados, demostrando que existe una tendencia de las mujeres a evadir el paso del amateurismo al deporte de alto rendimiento. Entendemos que persisten las cuestiones normativas de género que influyen en la educación de mujeres y hombres, generando desigualdad marcada por desventajas en las condiciones de vida de los deportistas en relación a los hombres, especialmente en categorías profesionales.

Palabras clave: Hipismo; Mujeres; Alto Rendimiento; Género.

INTRODUÇÃO

Hipismo é um termo utilizado para referenciar práticas esportivas realizadas através da aliança entre seres humanos e cavalos. Atualmente no Brasil existem nove modalidades equestres regulamentadas pela Confederação Brasileira de Hipismo: salto, adestramento, Concurso Completo de Equitação (CCE), paraequestre, tambor, volteio, enduro, rédeas e atrelagem. O hipismo clássico é composto por três modalidades - saltos, adestramento e CCE - sendo a única representatividade dos esportes equestres presente no programa olímpico.

A modalidade salto é a mais prestigiada do hipismo clássico. Regida pela entidade máxima que regulamenta o esporte, a Federação Ecuéstrea Internacional (FEI), essencialmente a prova exige que o conjunto "ser humano e cavalo" realize a transposição de oito a doze obstáculos num percurso pré-estabelecido, dentro de uma faixa de tempo também definida previamente, sem cometer faltas (derrubar obstáculos, exceder a faixa de tempo, dentre outras). As categorias são divididas por alturas dos obstáculos. A dificuldade e complexidade dos percursos aumenta conforme as alturas. No Brasil, a nível de iniciação, encontram-se alturas de 0,40 m, 0,60 m e 0,80 m, conhecidas por categorias de escola. Em competições ainda são encontradas categorias de 0,90 m, 1,00 m, 1,10 m, 1,20 m, 1,30 m, 1,35 m. Na alta performance, as categorias variam de 1,40 m a 1,60 m, sendo denominadas Grande Prêmio (CBH, 2012).

Para além de uma combinação singular entre dois seres distintos, esse esporte também se destaca por não apresentar divisão entre sexos no meio competitivo, sendo assim "considerado a única modalidade olímpica em que atletas de ambos os sexos disputam provas individuais e por equipe sob as mesmas condições" (BBC, 2016).





Uma das autoras deste artigo atuou como atleta da modalidade salto por aproximadamente 10 anos e esta vivência no bojo do hipismo gerou questionamentos quanto a premissa de igualdade. Em sua experiência esteve majoritariamente cercada por mulheres, tanto nas aulas regulares, como em competições no início do desenvolvimento esportivo como atleta. Entretanto, ao buscar por referências significativas, seja em atletas de alto rendimento, ou instrutores da modalidade, essas posições se demonstravam dominadas por homens. Essa vivência pessoal coaduna com o cenário mais amplo. Uma simples análise da trajetória das equipes olímpicas brasileiras de salto, desde a primeira participação em 1948 à última olimpíada realizada em 2020, permite identificar a falta de representatividade de mulheres nessa modalidade do esporte. O Brasil contou apenas com quatro representantes mulheres na categoria salto (CBH, 2012), o que caracteriza 6,6% da equipe total.

Considerando que a associação entre esportes equestres e os estudos de gênero ainda é pouco explorada nas pesquisas acadêmicas esse estudo compõe parte de um trabalho de conclusão de curso de Bacharelado em Educação Física e tem como objetivo desenvolver uma análise crítica a respeito da participação de mulheres em diferentes categorias da modalidade salto do hipismo no estado do Paraná com os conhecimentos de gênero. De maneira geral, a pesquisa também pretende contribuir para ampliar as reflexões sobre esporte e gênero no Brasil.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Abordagem Metodológica e Contexto da Pesquisa

A pesquisa apresenta abordagem qualitativa de caráter exploratório, uma vez que buscou se aprofundar nos significados e representações simbólicas derivadas dos dados analisados (GERHARDT; SILVEIRA, 2009); considerando uma temática pouco explorada pela literatura científica (GIL, 2002).

Quanto ao contexto, o estudo se concentra nas competições realizadas pela Federação Paranaense de Hipismo entre os anos de 2018 a maio de 2023. Ao longo de cada ano a Federação realiza diversas competições que integram o campeonato anual. As(os) atletas somam pontos no decorrer de cada competição e ao final do circuito é determinado o primeiro, segundo e terceiro lugar de cada categoria. O recorte de tempo foi selecionado para





observar os anos que antecederam, integraram e sucederam a pandemia da COVID-19, que afetou as vidas e atividades da população mundial.

Técnica e Instrumento de Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada através de uma análise documental dos Rankings Gerais da Federação Paranaense de Hipismo dos anos de 2018 a maio de 2023. As planilhas analisadas constam o número de competições, os nomes das(os) atletas inscritas(os) e pontuações obtidas por elas(es) em cada etapa que compôs o campeonato.

Análise de Dados

A partir dos nomes presentes nas planilhas os dados foram contabilizados e dispostos em tabelas. O campeonato referente ao ano de 2023 foi parcialmente analisado, apresentando dados até o mês de maio, visto que ainda não foi finalizado no momento de produção desta pesquisa. Realizou-se um recorte no qual a categoria de 0,80 cm foi definida para exemplificar categorias amadoras e a categoria 1,40 m como referência de alto rendimento.

RESULTADOS

A partir da análise de dados foi possível observar que a categoria 0,80 cm apresenta o maior número total de inscritas(os). O percentual de mulheres inscritas nessa categoria é consideravelmente superior ao percentual de homens. Em contrapartida, no alto rendimento, a categoria 1,40 m, apresenta o menor número de inscritas(os), sendo o percentual de homens substancialmente superior ao percentual de mulheres.

Tabela 1 – Soma do total de inscritas(os) por categoria nos anos de 2018 a 2023

Parâmetros	Categoria 0,80 cm	Categoria 1,40 m
Total de inscritos	421	118
Mulheres	81%	25%
Homens	19%	75%

Fonte: construção das autoras.

Classificando esses mesmos dados referentes ao ano, é possível observar uma tendência que se assemelha ao panorama geral apresentado na tabela 1. A categoria 0,80 cm





permanece apresentando maiores números de inscritas(os) e os percentuais de mulheres são sempre superiores aos percentuais de homens. A categoria 1,40 m permanece apresentando o menor número de inscritas(os) e o percentual de mulheres é sempre inferior ao percentual de homens.

Tabela 2 – Total de inscrições na categoria 0,80 cm classificado por ano

Ano	Total de inscritos	Mulheres	Homens
2018	29	90%	10%
2019	54	83%	17%
2020	52	88%	12%
2021	90	70%	30%
2022	108	80%	20%
2023	88	85%	15%

Fonte: construção das autoras.

Tabela 3 – Total de inscrições na categoria 1,40 m classificado por ano

Ano	Total de inscritos	Mulheres	Homens
2018	12	25%	75%
2019	24	38%	62%
2020	22	27%	73%
2021	20	25%	75%
2022	24	21%	79%
2023	16	12%	82%

Fonte: construção das autoras.

DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam que mulheres estão inseridas na modalidade salto do hipismo e compõem a maior parte da representação numérica na categoria 0,80 cm. Entretanto, há uma grande evasão destas participantes na transição do amadorismo para o alto rendimento. Essa tendência observada nos campeonatos da Federação Paranaense de Hipismo ressoa não apenas com as observações de uma das autoras deste artigo enquanto atleta da modalidade, mas também com a baixa representatividade de mulheres na composição da equipe brasileira ao longo da história dos Jogos Olímpicos.

A pesquisadora de estudos de gênero Miriam Adelman (2011) descreve que, apesar da grande presença feminina no cenário do salto, em categorias mais avançadas (com obstáculos acima de 1,20m), a presença dos homens é predominante. A autora canadense





Kendra Coutler (2013) delinea a relação direta entre a evasão de mulheres e questões de gênero em seu estudo sobre a modalidade salto no Canadá:

Em outras palavras, as mulheres não estão apenas participando regularmente, elas estão alcançando a excelência em termos de resultados de competição. No entanto, em comparação com a percentagem de mulheres a competir no nível amador mais elevado (79,3 %), a queda é significativa. A divisão de gênero muda de mulheres superando os homens em pelo menos 4:1 para sendo superada em número pelos homens 4:6. Os fatores que influenciam a participação das pessoas no salto como amadores em comparação com os profissionais claramente têm explicações de gênero, ou os números não seriam tão dramaticamente diferentes. (COUTLER, 2013, p. 170, tradução nossa).

Coutler (2013) sugere que no Canadá a participação na modalidade salto de mulheres e homens é numericamente equilibrada a nível profissional (proporção de 4:6 respectivamente), e que ambos apresentam resultados expressivos tanto no âmbito nacional como internacional. Entretanto, em categorias amadoras, a proporção na participação de mulheres e homens é de 4:1 respectivamente, o que nos permite concluir que na transição das categorias amadoras para categorias profissionais, a evasão de mulheres é numericamente maior. Cabe distinguir que no Canadá, a categoria 1,40 m pode ser disputada a nível profissional, como a nível amador, havendo assim uma distinção dentro da própria categoria. Sendo assim, a citação da autora se refere às diferenças de participação dentro da própria categoria 1,40 m, comparando programas profissionais e amadores. Em relação às categorias mais baixas, a autora cita que a participação de mulheres é indiscutivelmente maior que a de homens. Nesse sentido, a autora conclui que os fatores que influenciam na atuação de atletas no hipismo em categorias amadoras e profissionais estão interligadas aos dados culturais relacionadas aos gêneros.

O termo gênero está vinculado ao movimento feminista da década de 60 quando passa a ser empregado como forma de oposição e protesto ao determinismo biológico. Essa perspectiva passa, a partir de então, a questionar o imaginário de que o sexo biológico determina características sociais e culturais, realocando o debate para as representações sociais, históricas e de identidade que foram - e diariamente são - construídas e reproduzidas, a partir de um corpo sexuado. O conceito passou por diversas modificações e evoluiu juntamente com os estudos sociológicos.

Este estudo entende gênero como ferramenta analítica de caráter relacional que atua como um filtro para compreender as relações sociais que o constrói e se constroem a partir dele, conforme define Guacira Louro (1997). Partimos do pressuposto que os sujeitos se





constituem em dinâmicas biopsicossociais, fruto da interação entre dimensões biológicas, psicológicas e sociais, sendo “compostos por um conjunto de marcadores sociais como gênero, raça, etnia, orientação sexual e que se expressam conforme o contexto em que estão inseridos” (CRUZ, 2014, p. 29). Assim é possível concluir que desenvolver pesquisas a partir da ferramenta analítica de gênero em interação com outros indicadores permite a compreensão de como cada organização social atribui diferentes significados para feminilidades e masculinidades, bem como se estruturam a partir dessas relações produzindo e reproduzindo signos que compõem a cultura (CRUZ, 2014).

Os estudos de gênero se colocam em oposição a um sistema binário normatizado que costura o conceito de sexo biológico, gênero e sexualidade, estabelecendo características específicas e normatizadas do “ser mulher” e “ser homem”. Dispondo de alicerces no essencialismo, que se caracteriza pela “busca de explicações para um fenômeno a partir de uma essência comum que independe de fatores externos” (CRUZ, 2014, p.12), essa visão polarizada determina a hegemonia de um tipo de feminilidade e masculinidade, em que apenas esses são considerados válidos, descartando outras possibilidades de experiências das pessoas.

Em decorrência, ao partir da afirmação de que sexo/sexualidade deriva apenas da natureza, passou, quase automaticamente, à dedução de que todas as demais características humanas, entre elas a masculinidade e a feminilidade como igualmente decorrentes dessa diferença primordial. Nessa lógica, está presente o padrão humano contemporâneo para o qual ser homem significa ser macho, masculino e heterossexual, e ser mulher significa ser fêmea, feminina e igualmente heterossexual (CRUZ, 2014, p. 11).

Zanello e colaboradores (2011 e 2012) identificam em seus estudos, a partir da linguagem, quais características são mais valorizadas pelos sexos. Para a mulher são desejáveis a beleza estética, a passividade sexual, a docilidade, o cuidado com o outro. Em contrapartida, ao homem, são esperados atributos relacionados a ação, virilidade, ambição, sucesso profissional, poder. A definição de papéis sociais a serem cumpridos por mulheres e homens engessa a participação dos indivíduos na sociedade, delimitando os espaços que podem ser reivindicados por cada um (CRUZ, 2014). Evidentemente, isso também se aplica ao ambiente esportivo.

Katherine Dashper (2012), que realizou seu estudo sobre hipismo na modalidade salto no contexto do Reino Unido, argumenta que a socialização entre homens e mulheres está presente como subtexto para as diversas barreiras que surgem às mulheres ao tentar adentrar





o esporte de elite. O conflito entre a carreira e a família, a maior dificuldade de encontrar patrocinadores e atrair atenção de recrutadores que poderiam oferecer melhores condições financeiras para o desenvolvimento das atletas, estão relacionados à característica de gentileza, abnegação, passividade que são frequentemente vinculadas ao ideal de feminilidade, em oposição à poder, ambição, confiança, qualidades vinculadas ao ideal de masculinidade. A dificuldade em obter apoio familiar e balancear a vida doméstica com a profissional se demonstra igualmente como uma preocupação das(os) participantes desse estudo. As(os) participantes também sugerem que há maior dificuldade para as mulheres encontrarem patrocínio, pois os homens sabem “vender” melhor sua imagem, com confiança em suas habilidades, enquanto mulheres se demonstram mais tímidas e apresentam dúvidas quanto ao seu potencial (DASHPER, 2012, p. 12).

A diferença na socialização entre mulheres e homens também é abordada na pesquisa de Coutler (2013). As(os) atletas canadenses participantes do estudo apontam que, apesar da necessidade de um bom condicionamento físico para competir em alto nível, força física não é um aspecto que configura vantagem para as(os) atletas. Em contrapartida, aspectos sociais e psicológicos foram considerados essenciais para obter sucesso no esporte. Há um consenso de que emoções são um empecilho, sendo necessário suprimi-las. Ao lidar com um animal que pode ter um comportamento imprevisível, obstáculos com dificuldades que variam em altura, largura, cor, formato, entre outros estímulos externos que podem afetar diretamente a performance do animal ou da(do) atleta, as(os) atletas argumentam que é necessário clareza de pensamento e tomada de decisão sem hesitação que pode ser ocasionado, por exemplo, por medo. Considerando a socialização diferenciada de homens e mulheres, incentivando a expressão e desenvolvimento de sentimentos por mulheres, enquanto a supressão de sentimentos é incentivada para homens, a autora argumenta que devido tais diferenças podem acarretar uma desvantagem para as atletas. Ou seja, há um entendimento que características como coragem, dominação e raciocínio lógico são características masculinas como essas características são frequentemente estimuladas a serem desenvolvidas na educação dos homens, isso acaba gerando uma vantagem para a administração das emoções consideradas relevantes para a/o atleta de hipismo (COUTLER, 2013).

Vale considerar, ainda, que historicamente as práticas corporais, incluindo os esportes, carregam em si ideais de modelos que compuseram sua origem como princípios higienistas, a fim de melhorar a saúde da população cultivando um corpo livre de doenças, e





eugênicos, na intenção de melhorar a genética e transformar-se numa “raça superior” (LIMA, 2015). Nesse contexto, cabe observar que as expectativas desses modelos não eram iguais para homens e mulheres.

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a semi-nudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionados à mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminino. Parecia, ainda, desestabilizar um terreno criado e mantido sob domínio masculino, cuja justificativa, assentada na biologia do corpo e do sexo, deveria atestar a superioridade deles em relação a elas (GOELLNER, 2006, p. 92).

As ideias fundamentadas no determinismo biológico confinavam as mulheres às atividades consideradas plásticas, envolvendo dança, ginástica e/ou outras artes. Souza e Altmann (1999) descrevem que essas atividades cabiam à sua “natureza” frágil e delicada, enquanto aos homens cabiam esportes de maior contato físico, esforço e violência que reafirmavam sua identidade coletiva de virilidade. As autoras seguem argumentando que o avanço dos estudos e a desconstrução de ideias que tomavam a biologia como explicação para a natureza dos seres humanos, levaram o Conselho Nacional de Desportos (BRASIL, 1979; BRASIL, 1983) a permitir que homens e mulheres realizassem as mesmas práticas esportivas. Contudo, este campo permanece como um espaço primordial de reafirmação da masculinidade, o que afasta as mulheres de sua prática. Isso ocorre porque, apesar de não haver exclusão formal, o esporte não deixa de ser uma instituição generificada, ou seja, uma instituição construída a partir das relações de gênero e que sofre influência dessas relações diariamente, refletindo modelos hegemônicos de representações do masculino e feminino (MESSNER, 1990).

No Brasil, Miriam Adelman (2006, 2011) evidencia que para suas praticantes o hipismo é parte integrante de suas identidades, um campo fértil, e já reivindicado, de transgressão às convenções sociais de gênero. No que tange às atletas de salto, a autora atribui a vasta presença de mulheres na modalidade ao perfil socioeconômico de seus praticantes “já que abrange segmentos de mulheres com maior capital econômico e social (o que, por sua vez, favorece a independência, a autonomia e a liberdade de ação)” (ADELMAN, 2011). Contudo, a pesquisadora também identifica que apesar da possibilidade de construção de diferentes identidades, o cenário não deixa de sofrer influência das normas baseadas no pensamento dicotômico e do naturalismo. A família aparece como principal agente regulador,





desde sua configuração para atletas jovens, envolvendo pais e tutores demonstrando grande preocupação com o alto risco apresentado pelo esporte, quanto às atletas adultas que não encontram apoio em seus cônjuges e/ou filhos. Esse fator influencia diretamente na motivação e incentivo às atletas no desenvolvimento de suas carreiras esportivas (ADELMAN, 2006; 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados exemplificam a atuação das mulheres na modalidade salto do hipismo. Na categoria 0,80 cm, os percentuais de mulheres inscritas são maiores que os percentuais de homens em todos os anos analisados, enquanto que na categoria 1,40 m, esse dado se inverte, configurando maiores percentuais de homens inscritos em todos os anos analisados. Apesar deste esporte não fazer distinção por sexo, a vasta presença de mulheres se demonstra confinada ao amadorismo, enquanto um maior percentual de homens atinge a alta performance.

Ao articular os dados coletados através dos Rankings da Federação Paranaense de Hipismo com algumas pesquisas dos estudos de gênero é possível estabelecer relações que agregam significado à evasão de mulheres da modalidade. As ideias pautadas no determinismo biológico geram expectativas diferentes no que tange a construção e expressão das identidades femininas e masculinas. Dessa maneira, a normatização de imaginários hegemônicos a respeito da masculinidade e feminilidade que são propagados culturalmente geram consequências diretas na vida de indivíduos e grupos. As práticas corporais persistem carregando consigo heranças de um período em que para as mulheres deveriam ser reservadas apenas atividades corporais plásticas, que não exigissem grande esforço. Aos homens era esperado boa performance em atividades que evidenciassem virilidade, demandando força e violência.

Explorando a literatura sobre a temática desenvolvida em outros países observamos como a socialização desigual de mulheres e homens impacta nas carreiras das atletas que buscam atingir o alto rendimento. O crescente aumento da complexidade e altura dos obstáculos conforme uma(um) atleta ascende ao alto rendimento está intrinsecamente relacionado à exigência de características psicológicas específicas como coragem, racionalidade e dominação. |Esses atributos são frequentemente associados e incentivados na construção da identidade hegemônica do masculino. As características valorizadas e incentivadas na construção da identidade hegemônica do feminino, como a passividade,





cuidado com o outro e fragilidade, aqui entram em conflito com o que se é desejável para ascender ao alto rendimento. Conciliar a vida doméstica e a carreira, conseguir patrocinadores também se apresentam como barreiras para mulheres na modalidade salto.

Compreendemos que, embora o hipismo não seja organizado formalmente a partir de divisões dos sexos e, portanto, aparentemente seja um esporte que resguarda condições para que se estabeleça equidade de gênero, na prática percebemos que as questões normativas de gênero que influenciam a educação de mulheres e homens persistem gerando desigualdade marcadas por desvantagens nas condições de vivências das atletas em relação aos homens, sobretudo nas categorias profissionais.

Em suma, esta pesquisa coloca em foco percepções sobre um esporte pouco convencional, além de contribuir para ampliar as discussões sobre esporte e gênero no Brasil. Contudo, mais pesquisas se fazem necessárias para o aprofundamento das discussões que foram aqui levantadas, sobretudo que levem em consideração aspectos das vivências dessas pessoas no hipismo, ampliando a compressão sobre os fatores que tem dificultado a permanência das mulheres nas categorias profissionais deste esporte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELMAN, Miriam. As mulheres no mundo equestre: forjando corporalidades e subjetividades 'diferentes'. **Revista estudos feministas**, v. 19, n. 3, p. 931-954, 2011.

_____. Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. **Movimento**, v. 12, n. 1, p. 11-29, 2007.

ADELMAN, Miriam; KNIJNIK, Jorge. **Gender and equestrian sport: riding around the world**. Dordrecht, Netherlands: Springer Science+Business Media, 2013

CBH. CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HIPISMO. **Salto, Histórico**. 2023. Disponível em: <<https://www.cbh.org.br/modalidades/salto/historico>>. Acesso em: 5 jul. 2023.

COSTA, Camilla. Em cima do cavalo todo mundo é igual: o único esporte em que homens e mulheres são rivais. **BBC News Brasil**. 2016. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-37080822>>. Acesso em: 5 jul. 2023.

CRUZ, Tânia. **Sexualidade e orientação sexual: cultura e transformação social**. Palhoça, SC: UnisulVirtual, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/24687964/Livro_virtual_Sexualidade_e_orienta%C3%A7%C3%A3o_sexual. Acesso em: 5 jul. 2023.





FPRH. FEDERAÇÃO PARANAENSE DE HIPISMO. **Ranking**. 2023. Disponível em: <https://www.fprh.com.br/artigos/ranking%20fprh>. Acesso em: 5 jul. 2023.

GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2006.

LIMA, Rubens Rodrigues. História da educação física: algumas pontuações. **Revista eletrônica pesquiseduca**, v. 7, n. 13, p. 246-257, 2015.

MESSNER, Michael. Boyhood, organized sports, and the construction of masculinities. **Journal of contemporary ethnography**, v. 18, n. 4, p. 416-444, 1990.

PONTES, Vanessa Silva; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. Sob rédeas curtas, de cabelos longos: reflexões sobre mulheres no hipismo. **Movimento**, v. 20, n. 3, p. 1197-1222, 2014.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, v. 19, n. 48, p. 52-68, 1999.

ZANELLO, Valeska; BUKOWITZ, Bruna; COELHO, Elisa. Xingamentos entre adolescentes em Brasília: linguagem, gênero e poder. **Revista interações**, v. 7, n. 17, p. 151-169, 2011.

ZANELLO, Valeska; GOMES, Tatiana. Xingamentos masculinos: a falência da virilidade e da produtividade. **Caderno espaço feminino**, v. 23, n. 1/2, p. 265-280, 2011.

ZANELLO, Valeska; SILVA, René Marc Costa e. Saúde mental, gênero e violência estrutural. **Revista bioética**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 267-279, 2012.

Dados da primeira autora:

Email: danielakuhn@utfpr.edu.br

Endereço: Rua Pedro Gusso, 2601, Neoville, Cidade Industrial de Curitiba, Curitiba, PR, 81310-900, Brasil.

Recebido em: 24/02/2024

Aprovado em: 08/04/2024

Como citar este artigo:

KUHN, Daniela Isabel; PRAISLER, Débora Maziviero. Hipismo e equidade de gênero: uma visão sobre a participação de mulheres na modalidade salto do hipismo no Paraná. **Corpoconsciência**, v. 28, e17174, p. 1-12, 2024.

